

REPARAÇÕES

Dr. Lais Marques da Silva

Custódio não alcoólico por nove anos e Presidente da JUNAAB por seis

Estar livre para progredir na vida é tão importante quanto dispor do ar que respiramos, mas é preciso lutar pela liberdade porque que ela não chega por si mesma e isso é especialmente válido para os dependentes químicos. A libertação, que abre os horizontes, exige esforços e as sempre necessárias reparações. Para bem ilustrar a necessidade de fazer reparações, vamos nos reportar a um episódio da Guerra de Troia, relatado por Homero, e que bem exemplifica o que acabamos de afirmar.

Para ajudar a entender esse ponto tão importante do caminho da recuperação de um alcoólico, que é a feitura das sempre necessárias reparações, é oportuno relatar uma, das muitas histórias dos antigos gregos, contadas por Homero na sua Odisseia. Antes, porém, é preciso lembrar que esse poeta grego eternizou lendas e ensinou a respeito de tradições estabelecidas ao longo de séculos e que viveu em torno de 600 anos antes de Cristo. Relatou os fatos que ocorreram no decurso da Guerra de Troia, que ocorrera anteriormente nos anos 1100, também antes de Cristo. Escreveu duas obras: a Ilíada e a Odisseia, a primeira narra a guerra de Troia e, a segunda, o caminho dos guerreiros de volta para o lar. Ambas foram lidas ao longo de mais de dez mil anos e são riquíssimas em sabedoria. A Odisseia narra, em especial, a volta de Ulisses, aquele que “inventou” o conhecido “Cavalo de Troia”. Menelau, rei de Esparta, uma das cidades da Grécia, era marido de Helena, aquela que foi raptada, fato esse que deu origem à Guerra de Troia. A Odisseia narra o complicado regresso após a vitória conquistada ao longo de dez anos de luta contra os troianos, daí o uso da palavra odisseia para se referir a algo muito complicado e demorado.

No caminho de volta, os navios fizeram uma parada no Egito, de onde teriam que partir para continuar a longa e difícil viagem de volta para casa. No entanto, ao sair de lá, ocorreu um problema muito sério. É que, ainda no rio Nilo, os navios depararam-se com uma completa calmaria que não dava condições de progredir. Ou seja, uma total falta de ventos necessários para impulsionar as velas dos navios que, em consequência, ficaram paralisados. Apesar de vencedores de uma grande e demorada guerra, estavam completamente impotentes e derrotados por uma simples falta de ventos. Estavam paralisados, como no caso de muitos alcoólicos que não praticaram, ainda, o Quarto Passo.

O chefe da esquadra e também marido traído, Menelau, entendeu que devia haver algo de errado e imaginou que poderia ter ofendido algum deus egípcio e tentou resolver o problema apaziguando os deuses locais de que se lembrava, mas nada de vento. Foi quando surgiu uma ninfa, filha do Velho do Mar, chamado Proteu, e disse que o velho sabia da causa da calmaria.

Aconselhou-o então a agarrar seu pai para conhecer o motivo da calmaria. Mas advertiu que isso era muito difícil e seria necessário fazer um grande esforço porque Proteu se transformava continuamente podendo tomar a forma de diversos animais, de água, fogo, etc. Era preciso lutar, fazer o esforço que fosse necessário para superar essa enorme dificuldade, porque, de outra forma, não voltariam para casa. Tudo era muito difícil e tinham que lutar para ter conhecimento, para ter a consciência plena dos fatos anteriormente ocorridos, como é o caso de quando se faz um inventário.

Conseguiram capturar o Velho do Mar, mas a luta foi grande porque ele havia se transformado em serpente, em leão feroz, em tigre, em água corrente e, por fim, em árvore e foi então laçado. Cansado de tantas transformações, Proteu voltou à sua forma inicial e foi interrogado. Revelou que os navios estavam sendo paralisados por haver ele, Menelau, deixado de fazer as oferendas em agradecimento aos deuses egípcios e disse que era preciso navegar de volta, ir ao ponto em que houve a coisa errada e fazer os indispensáveis sacrifícios, as reparações. Apenas se essa orientação fosse seguida, conseguiriam finalmente a liberdade. É, no entanto, indispensável observar que, no caso, essas reparações não poderiam ser feitas em frente à ilha onde estavam parados. Tinha que voltar ao local onde se comportaram de maneira errada, ao local que deixaram para trás e fazer as reparações. Só se voltassem para trás poderiam navegar em direção ao futuro. Nós também temos que fazer as necessárias reparações, o que for necessário para nos reconciliarmos com o passado e também lutar no presente para nos libertarmos e assim poder ter um futuro.

O relato do que aconteceu ajuda a entender, em toda a sua dimensão, o quanto de esforço é necessário fazer para se libertar de injunções, de fatos da vida ocorridos no passado e, para isso, é indispensável retornar e procurar dar, na medida possível, uma solução para os problemas mal resolvidos nas nossas vidas, para os fatos ocorridos no passado e que permanecem incomodando, causando desconforto, tirando a paz e dificultando o desenvolvimento pleno das nossas capacidades ou até mesmo nos paralisando. É preciso, de algum modo, retornar, voltar e resolver o que ficou faltando e, o que é bom, isso sendo feito depois de decorrido o tempo necessário para se ficar livre das imposições daqueles momentos de falha. A reparação é, realmente, um retorno que se faz a um momento do passado, estando-se fora das circunstâncias e do momento em que os fatos desagradáveis ocorreram, isto é, livre das pressões e necessidades daquele momento.

Ulisses e, de certa maneira também os alcoólicos em recuperação, precisava voltar e reencontrar o seu lugar. Para a sua vida, a vida que vale a pena viver. Mas há sempre um longo e trabalhoso caminho de volta, repleto de desafios, mas que se não for percorrido e vencidos os obstáculos, não haverá retorno possível para o seu lugar de origem, sendo que a vida longe de casa, longe de si mesmo, sem harmonia, passada fora do lugar natural de cada um é pior que a própria morte.

O alcoólico na ativa vive no caos e na discórdia e retornar é encontrar o sentido da própria vida, recuperar a harmonia perdida. O regresso é a procura de uma existência pacífica, é voltar para o seu mundo, é repor a ordem em sua vida. E aí as indispensáveis reparações fazem parte da grande conquista da felicidade e da sanidade.

Tudo isso começa com o amor à liberdade, com a libertação da dependência da droga e com a reconquista do poder pessoal para evitar o primeiro gole, para se manter no caminho, um dia de cada vez. Mas é preciso ter sempre em mente que ser livre é também ser responsável pela vida que escolhemos, pelo que fazer com ela.

Dois aspectos fundamentais da recuperação foram apresentados no decurso desse episódio e com bastante clareza. Reparação é coisa difícil de fazer, dá trabalho, exige maturidade, equilíbrio e coragem, visão clara da verdade dos fatos ocorridos e é coisa que ninguém pode fazer por nós. Podemos receber orientação e ajuda mas somos nós que temos que fazer ou ficaremos sempre com o coração pesado e com a alma partida e assim aprisionados pelos fatos dolorosos do passado, petrificados e sem a liberdade indispensável para viver uma feliz e plenamente realizada.

O outro aspecto, que também ficou claro, é que a reparaçãõ leva de volta ao nosso caminho, ao fio condutor da nossa vida, aquele que todos nós temos consciência, que está dentro de nós. Sabemos do valor que temos, que a nossa vida é única e também uma dádiva divina. Muito cedo, na nossa vida, já possuímos princípios que a direcionam e que dão sentido e significação à nossa existência, que levam a uma vida que vale a pena ser vivida e de modo pleno.

Nós também temos que fazer as reparações necessárias para nos reconciliar com o passado e lutar no presente para poder ter um futuro. Tudo o que foi relatado remete às reparações do Quarto Passo, indispensáveis para que possamos ficar livres e para seguir a nossa trajetória.